



CAPÍTULO 18

A LEITURA DOS CLÁSSICOS E A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: UMA NECESSIDADE EM TODOS OS TEMPOS

DOI: 10.47402/ed.ep.c20224218943

Andréa Kochhann
Rodrigo Rodrigues de Oliveira

RESUMO

Este trabalho apresenta elementos que indicam a função social da escola. A questão norteadora da investigação foi assim elaborada: Por que recordar os clássicos para pensar a função social da escola na contemporaneidade? De gênero bibliográfico, primeiro procuramos evidenciar a importância da leitura dos clássicos (CALVINO, 1991) e, na sequência, conhecer as relações entre sociedade, educação e escola (DURKHEIM 2011, ALTHUSSER 1980 e MARX 1978, 200 e 2009). Frente a esse quadro, notamos, embasados nesses autores, três pressupostos. Inicialmente, concebe-se a educação como elemento integrador da sociedade. Posteriormente, a escola é vista como uma instância dentro da sociedade e, exclusivamente, ao seu serviço e, por fim, a função da escola volta-se para uma perspectiva crítica, isto é, a educação é compreendida como mola propulsora para a transformação da sociedade capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: Clássicos. Pressupostos. Escola. Função social.


INTRODUÇÃO

Não existe sociedade sem prática educativa nem prática educativa sem sociedade, isto é, ninguém escapa ao fenômeno educacional. Na vida familiar, em casa, na convivência humana, na rua, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais, nas organizações da sociedade civil, nas manifestações culturais (BRASIL, 1996) de uma maneira ou de outra todos nós nos envolvemos com a educação. Nesse sentido, afirma Gadotti:

A educação é a prática mais humana, considerando-se a profundidade e a amplitude de sua influência na existência dos homens. Desde o surgimento do homem, é prática fundamental da espécie, distinguindo o modo de ser cultural dos homens do modo natural de existir dos demais seres vivos (GADOTTI, 2003, p. 14).

O estudo da relação educação e sociedade sob as dimensões filosóficas, históricas e pedagógicas oferecem elementos básicos para compreendermos melhor a função política e social da escola. Assim, compreendendo que a função essencial da escola é a transmissão e a apropriação dos conhecimentos historicamente produzidos e acumulados pela humanidade (SAVIANI, 2013) faz-se necessário perceber a função da escola na sociedade capitalista.

Percebendo que o saber é um instrumento de poder, torna-se claro que a apropriação do conhecimento no sentido de garantir e manter o benefício para a minoria dominante é uma realidade na sociedade brasileira. Tal fato, justifica a classe dominada na ignorância dos



mecanismos que a tornam dominada, entre os quais o domínio do saber historicamente produzido pela humanidade.

Sob essa perspectiva, entendemos que urge discussões acerca do papel da escola na sociedade capitalista, pois o acesso ao conhecimento explícito de dominação não é espontâneo. Requer a mediação dos profissionais da escola que por meio da prática educativa oportunizam aos alunos da classe dominada o entendimento das condições da dominação, a compreensão das condições de produção do conhecimento, suas manifestações, bem como as tendências de sua transformação.


A educação e, sobretudo, a escola sofreram profundas transformações ao longo da história. Em verdade, a instituição escolar está consubstanciada de ponta a ponta pelo aspecto político. Ela se configura como um *locus* no qual os interesses contraditórios próprios da sociedade capitalista entram em competição pela apropriação do conhecimento (SAVIANI, 2013). Portanto, faz-se mister uma retomada histórica da relação educação e sociedade sob o prisma dos pressupostos de Durkheim, Althusser e Karl Marx.

Cabe destacar, contudo, que o texto não esgota a temática que aborda, isto é, constitui uma síntese clara e didática das ideias dos pensadores que influenciam e influenciaram a educação. O tema tem sido útil, sobretudo, aos educadores ajudando-os na compreensão de sua prática pedagógica e, principalmente, possibilitando-lhes situarem mais claramente no universo pedagógico. Gadotti enfatiza:

Mais do que possibilitar um conhecimento teórico sobre educação, tal estudo forma em nós, educadores, uma postura que permeia toda a prática pedagógica. E essa postura nos induz a uma postura de reflexão radical diante dos problemas educacionais, levando-nos a trata-los de maneira séria e mais atenta (GADOTTI, 2003, p. 15).

Nesta perspectiva verificar-se-á, através deste estudo bibliográfico, o seguinte problema: Por que rememorar os clássicos para pensar a função social da escola na contemporaneidade? Como hipótese, que possibilita responder provisoriamente essa questão, temos a) no campo da educação não existe escola que esteja isenta de pressupostos filosóficos e políticos e b) a escola executa sua função sob um pressuposto conservador, crítico-reprodutivista e transformador.

Como objetivo geral, procurou-se analisar as abordagens teóricas de Durkheim, Louis Althusser e Karl Marx para a compreensão dos fenômenos ligados à função da escola. Além disso, elencam-se os seguintes objetivos específicos: a) evidenciar a importância da leitura dos clássicos e b) conhecer as relações entre sociedade, educação e escola.




Toda pesquisa é resultado de um conjunto de decisões e opções que incidem sobre a construção de um objeto. Portanto, nesse percurso a propositura de um método, a compreensão de um caminho é fundamental, haja vista que o quadro teórico – metodológico da pesquisa vai se construindo num processo. Em razão disso, fora empregada como estratégia a pesquisa bibliográfica. Gil (1999, p. 71) advoga que “(...) a principal vantagem da pesquisa bibliográfica, reside no fato de permitir ao investigador, a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente (...)”. Neste sentido, a escolha da pesquisa bibliográfica propicia um panorama geral do assunto analisado, a compreensão de suas tendências, bem como a descoberta de suas lacunas contribuindo, desse modo, para um descortinar.

CLÁSSICOS: FONTES INESGOTÁVEIS E INSPIRADORAS DE CONHECIMENTO

Reportando-nos à origem etimológica da palavra clássico provem do latim *classicus* adjetivo que designava o que é excelente em sua classe ou o que pertence a uma classe excelente (ABBAGNANO, p. 147, 2003). Nas palavras de Bechara (2011, p 312) indica “(...) algo que nas artes, em geral, segue, a doutrina estética greco-romana (...) uma obra artística que serve de modelo; obra exemplar (...)”. Percebemos, portanto, que clássico é algo muito expressivo, de muita qualidade que não tem uma data de vencimento no tempo, em outras palavras, é um referencial ao longo das eras.

No campo da literatura o conceito de “clássico” foi sedimentado como o fazer de um homem que utilizou a palavra tão apropriada para expressar determinados temas que acabou por vencer o tempo, de certa forma eternizou-se, tornou-se atemporal, pois seu trabalho sempre será útil para a alguém que se propõe a compreender o mundo. Calvino (1991, p. 10) nos lembra que “(...) os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõe como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual (...)”.

Com efeito, ler ou reler será sempre uma descoberta. Calvino (1991, p. 11) nos diz que “(...) um clássico nunca termina de dizer o que tinha pra dizer (...)”. Como os clássicos são construídos em camadas eles são profundos, isto é, à medida que vamos penetrando em nós mesmos acabamos por acessar camadas mais profundas do livro. Num dado momento ocorre *insights*, porque se humanamente nos qualificamos tal fato abrirá camadas mais profundas daquele clássico, visto que, como aponta Calvino (1991, p. 11) “(...) os clássicos são aqueles



livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (...).”

Acerca da leitura dos clássicos, Calvino (1991) nos chama atenção ao mencionar que essa leitura deve ser direta, ou seja, sem intermediários e conclui ao advogar que “(...) a escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão (...)” (CALVINO, 1991, p. 12). Tal consideração, nos leva a crer que leituras enviesadas produzem “cortina de fumaça”, “*fastfood* intelectual”, “comodismo intelectual”.

Neste sentido, faz-se necessário coletarmos as nossas próprias impressões a respeito dos textos, impressões essas ímpares e irrepetíveis, pois somos seres que carregamos conosco uma historicidade singular, uma individualidade como aponta Pasqualini e Martins (*apud* LUKÁCS, 2015, p. 5) o singular-particular-universal é uma propriedade objetiva dos fenômenos.

Seguindo essa ideia, a leitura dos clássicos nos ajuda a pensar a função da escola, pois por trás do trabalho dos professores, em qualquer sala de aula do mundo, estão séculos de reflexões sobre o ofício de ensinar e, principalmente, sobre a função social da escola. À vista disso, a escola pode trabalhar sob a ótica dos pressupostos conservadores, crítico-reprodutivistas ou transformadores. Assim, estudar a educação, numa realidade social concreta, a partir dos pressupostos supracitados nos permite compreender a função da escola, as quais implícita ou explicitamente, se baseiam numa concepção de homem e de sociedade.

INICIANDO A DISCUSSÃO: POR QUE PRESSUPOSTOS?

Todo conhecer, agir e fazer humanos ocorrem em razão de pressupostos. A ideia de pressuposto refere-se a algo que não é posto nem suposto. O posto diz respeito ao que, de fato, é explicitado, enunciado e expresso como, por exemplo, as construções teóricas de determinados autores da sociologia. O suposto é aquilo que é admitido de modo implícito no posto. Assim, o pressuposto encontra-se antes e fora daquilo que é, claramente, dito, em outras palavras, encontra-se na realidade concreta – no mundo e com os homens.

Como afirma Paviani e Carbonara:

Pressupostos (...) são os conceitos e enunciados básicos que, mesmo não sendo explícitos, fazem parte dos processos de ensino e aprendizagem. Todavia, os pressupostos dos processos educativos não são apenas epistemológicos. Esses ocorrem conjuntamente com outros pressupostos psicológicos, biológicos, éticos, sociais, políticos, econômicos e culturais (PAVIANI E CARBONARA, 2018, p 544).



Os pressupostos são realidades anteriores ou antecedentes as ações que as determinam. Melhor dizendo, os pressupostos estão, eminentemente, vinculados ao fazer pedagógico, pois estão presentes na relação professor e aluno, nos projetos políticos pedagógicos, no estabelecimento do currículo e, sobretudo, na função da escola.

A compreensão das nuances que permeiam a função da escola, por exemplo, nos possibilita compreender os pressupostos pelos quais as ações educativas são concretizadas no mundo e para com os homens. Nesta linha de raciocínio, conhecer, compreender e estudar os pressupostos significa mergulhar no universo da historicidade, eminentemente, humana. Ao mesmo tempo nos permite a compreensão dos mecanismos pelos quais as estratégias políticas se consolidam com vistas a função da escola na atual conjuntura.


PRESSUPOSTOS CONSERVADORES

Entre os muitos autores tomaremos a forte influência do sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1927), em especial, de sua obra *Educação e Sociologia* para quem a principal função do professor é formar cidadãos capazes de contribuir para a harmonia social. A concepção Durkheimiana, parte do conceito de homem egoísta que precisa ser moldado para a vida societária, portanto, a construção do ser social ocorre em razão da socialização. Isso fica muito claro quando Durkheim afirma que:

A educação consiste numa socialização metódica das novas gerações. Em cada um de nós, já o vimos, pode-se dizer que existem dois seres. Um constituído de todos os estados mentais que não se relacionam senão conosco mesmos e com os acontecimentos de nossa vida pessoal; é o que poderia chamar de ser individual. O outro é um sistema de ideias, sentimentos e hábitos, que exprime em nós, não a nossa individualidade, mas o grupo ou os grupos diferentes de que fazemos parte; tais são as crenças religiosas, as crenças e práticas morais, as tradições nacionais ou profissionais, as opiniões coletivas de toda a espécie. Seu conjunto forma o ser social. Constituir esse ser social em cada um de nós – tal é o fim da educação (DURKHEIM, 2011, p. 11).

Isto posto, a experiência das gerações adultas torna-se indispensável para a sobrevivência das gerações mais novas, porque as gerações mais velhas já incorporaram os hábitos, as crenças e os costumes que orientam a sociedade e as gerações mais novas encontram-se despreparadas para a vida em social. Assim, por meio da socialização o indivíduo que, originalmente, apresentava, uma natureza egoísta, depois de educado, adquire a segunda natureza, que o permite viver em sociedade priorizando as necessidades do todo.

Dessa forma, infere-se que Durkheim acreditava no progresso da sociedade capitalista. Admitia que apesar, dos problemas sociais, das suas falhas esse arranjo societário é justo e perfeito. Assim sendo, a principal função da educação, em seus escritos, consiste em “(...)



suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada (...)” (DURKHEIM, 2011, p. 10). Em resumo, a grande característica desse pressuposto educacional reside no fato de conceber a educação como elemento integrador da sociedade, ou seja, a educação deve existir para manter a ordem social.

Como percebemos, a tarefa que cabe à escola não é transformar ou revolucionar a sociedade capitalista, mas sim reproduzir os valores morais dessa sociedade, integrando os indivíduos para que exerçam sua função social conforme, geralmente, sua origem de classe para a conservação da sociedade.

PRESSUPOSTOS CRÍTICO-REPRODUTIVISTAS

Para a análise dessa posição adotaremos as ideias de Louis Althusser (1918-1980), especificadamente, de sua obra *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Althusser fez uma análise crítica da sociedade capitalista ao analisar a reprodução das condições de produção que, conseqüentemente, provoca a reprodução das forças produtivas. -Na visão do autor, a sociedade cria organismos que a perpetuam: os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE):

O AIE religioso (o sistema das diferentes igrejas), o AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e privadas), o AIE familiar, AIE jurídico, o AIE político (o sistema político de que fazem parte os diferentes os diferentes partidos), o AIE sindical, o AIE da informação (imprensa, rádio, televisão e etc.) e o AIE cultural (Letras, Belas Artes, desportos e etc.) (...) os aparelhos ideológicos funcionam pela ideologia (ALTHUSSER, 1980, p. 43-46).

E os Aparelhos Repressivos do Estado (ARE):

O Exército, a Polícia, os Tribunais, as Prisões constituem (...) o Aparelho Repressivo de Estado. Repressivo indica que o Aparelho de Estado em questão funciona pela violência (...) em si mesmo o Aparelho (repressivo) de Estado funciona de uma maneira massivamente prevalente pela repressão (inclusive física) (ALTHUSSER, 1980, p. 43-46)

Nessa importante conexão entre ideologia e educação, a escola cumpre, assim, a função básica de reprodução das relações materiais e sociais de produção atendendo, desse modo, ao capitalismo. Conclui-se que para Althusser a sociedade capitalista não se sustentaria caso não houvessem mecanismos e instituições responsáveis em garantir a manutenção do *status quo* através da ideologia que se constituem nas crenças que nos levam a aceitar as estruturas sociais capitalistas como boas e desejáveis.

A escola, na visão do teórico, martela uma quantidade de saberes embrulhados em ideologias dominantes que reproduzem as relações de produção capitalista:



A escola ensina (...) as «regras» dos bons costumes, isto é, o comportamento que todo o agente da divisão do trabalho deve observar, segundo o lugar que está destinado a ocupar: regras da moral, da consciência cívica e profissional, o que significa exactamente regras de respeito pela divisão social-técnica do trabalho, pelas regras da ordem estabelecida pela dominação de classe. Ensina também a «bem falar», a «redigir bem», o que significa exactamente (para os futuros capitalistas e para os seus servidores) a «mandar bem», isto é, (solução ideal) a «falar bem» aos operários, etc (ALTHUSSER, 1980, p. 21).

Do ponto de vista dessa interpretação reprodutivista, Althusser aborda a escola como uma instância dentro da sociedade e, exclusivamente, ao seu serviço, reproduzindo-a no seu modelo vigente, perpetuando-a. É o instrumento criado para otimizar o sistema produtivo e a sociedade a que ela serve, porque ela não só qualifica para o trabalho, socialmente definido, mas também dissemina valores que possibilitam a reprodução do comportamento compatível com a ideologia da classe dominante.


PRESSUPOSTOS TRANSFORMADORES

Dentre os vários teóricos que nos possibilitam pensar criticamente a educação e a escola utilizaremos Karl Marx (1818-1883). Cabe destacar que não encontramos nenhum livro específico de Marx que trate da educação. No entanto, a concepção de Marx nos permite pensar a função da escola dentro de uma perspectiva crítica, isto é, pensar a educação em uma visão transformadora do contexto social capitalista.

Na base do pensamento de Marx está a ideia da mutabilidade, isto é, nada está pronto, posto e acabado tudo está em constante processo de transformação, mudança. O ponto nevrálgico da mudança é a contradição, ou seja, os conflitos de uma mesma realidade. Para Marx o conflito que explica a história da humanidade é a luta de classes. Na antiguidade, entre patrícios e escravos, na idade média entre senhores e servos e na modernidade entre a burguesia e o proletariado (MARX, 2000).

No entender de Marx a sociedade é dividida entre aqueles que pensam e aqueles que executam. Com base nesse pressuposto, Marx faz uma dura crítica a escola de seu tempo, concluindo que essa instituição serve aos interesses da classe dominante, porque a escola pode ser comparada a uma fábrica, na qual o professor assume o papel de trabalhador assalariado, cujo produto, isto é, a instrução de crianças e jovens visa formar mão de obra para o labor alienante da indústria.

Nas palavras de Marx, faz-se necessário conceber o trabalho como um princípio educativo. Essa afirmação remete à relação entre o trabalho e a educação no qual se coloca o carácter formativo do trabalho e da educação como meio de proporcionar o desenvolvimento de



todas as potencialidades do ser humano (MARX, 1979). Trabalho e educação são práticas intrinsecamente humanas, nesse sentido, somos levados a crer que “(...) ao produzir os seus meios de existência, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material (...)”. É na concretude dos homens, isto é, nas suas relações, nas contradições, no movimento dialético que descobrimos “(...) tal e como os indivíduos (...) são. O que são coincide, por conseguinte, com sua produção, tanto com o que produzem como com o modo como produzem (...)” MARX & ENGELS (2009, p. 87).

Podemos inferir na propositura sociologia de Marx, que a educação é, estreitamente, vinculada à materialidade, à concreticidade e à historicidade ao mesmo tempo que participa do processo de transformação da realidade:

Contrariamente à filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui parte-se da terra para atingir o céu. Isto significa que não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam e pensam, nem daquilo que são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação de outrem para chegar aos homens em carne e osso: parte-se dos homens, da sua atividade real (MARX & ENGELS, 2009, p. 26).


Explicando assim, a educação na perspectiva de Marx deve, fundamentalmente, romper com a alienação e a desumanização. Para isso, a educação deve contemplar três dimensões: uma educação mental, uma educação física e uma educação tecnológica. Essa formação multilateral, isto é, omnilateral, integral busca tornar o homem capaz de produzir e fruir:

- 1) Educação mental.
- 2) Educação corporal, tal qual é produzida pelos exercícios ginásticos e militares.
- 3) Educação tecnológica, abrangendo os princípios gerais e científicos de todos os processos de produção e, ao mesmo tempo, iniciando as crianças e os adolescentes na manipulação dos instrumentos elementares de todos os ramos da indústria. (MARX, 1978, p. 223).

Por essa leitura, vemos que a propositura teórica de Marx difere, essencialmente, do que postulam Durkheim e Althusser. Enquanto este não crê que a escola contribua para a transformação social possuindo uma visão, extremamente, pessimista, esse acredita que a sociedade capitalista é justa, boa e harmoniosa. Aquele, por sua vez, advoga, que pequenas mudanças quantitativas no interior da escola ocasionam mudanças qualitativas marcadas por transformações sociais já que somos seres moldados pela história que é, permanentemente, reelaborada pelo conjunto dos homens.

À GUIA DE CONCLUSÃO

A escola, enquanto instituição historicamente situada e determinada pela sociedade, não pode ser vista como algo natural, antes necessitamos de compreendê-la como criações humanas e históricas e, nesse sentido, passíveis de mudanças. Em razão disso, compreendemos ser



oportuno retornarmos aos clássicos, pois esses nos ajudam a pensar a função social da escola. Todavia, não podemos, apenas, interpretá-los sem contextualizá-los com a realidade na qual estamos imersos, mas devemos, sim, debruçarmo-nos sobre eles a partir de uma rememoração histórica-dialética.

Para efeito da análise, a função social da escola, grosso modo, pautada por esses pressupostos, num primeiro momento parte do princípio de que o mundo atual não deve ser alterado. A tarefa da escola não é a transformação da sociedade capitalista, mas sua manutenção através da adaptação dos indivíduos à vida social corroborando, dessa maneira, para que os alunos aceitem como naturais as desigualdades do capitalismo.


O segundo pressuposto, postula não ser possível percebermos a função da escola senão em razão dos seus condicionantes sociais. A escola, assim, reproduz a sociedade de classes e reforça o modo de produção capitalista. Essa noção, certamente, contribuiu para um clima de pessimismo e desânimo que, conseqüentemente, tornou remota a possibilidade da escola contribuir para a transformação social.

Já o terceiro pressuposto, procura conceber criticamente a educação e a escola na sociedade capitalista. A escola, nesse sentido, não tem como função adaptar os indivíduos a esse todo ordeiro, harmônico e integrado, nem se incumbe, apenas, em reproduzir as desigualdades sociais, mas sim concebe a educação como um instrumento de transformação social.

Frente a esse quadro, notamos, embasados nesses autores, três visões diferentes e uma convergência: o caminho que a escola deve trilhar para suplantar o *status quo*. Em suma, o objetivo central da escola deve ser assegurar a transmissão dos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade contribuindo para a formação de um sujeito conhecedor da sua realidade, capaz de nela intervir transformando-a, pois não é suficiente que tenhamos consciência crítica da realidade na qual estamos situados, mas que tenhamos também disposição para mudar essa realidade.

Ao dedicarmo-nos a leitura dessas obras, somos levados a crer que a leitura de um clássico seja a circunstância qual for acaba por lançar luz a nossa vida, em outras palavras, traz à tona a compreensão do que orienta o nosso comportamento no mundo e para com o mundo.

Pensando sob essa ótica, essas análises acabam por compor quem somos, compõem à nossa maneira de dar respostas a nossa realidade concreta, assim, tornam-se nossas balizas, nossas referências para agir criticamente, pois não é a consciência das pessoas que explica os



fenômenos do mundo, mas sim a maneira como nos apropriarmos do concreto que determina nossa consciência, melhor dizendo, determina nossa maneira de compreender o mundo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1980.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 23/12/1996. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em 15/09/2021.

BRUNETTA, A. A; BODART, C. N; CIGALES, M. P. **Dicionário do Ensino de Sociologia**. Maceió-AL: Editora Café com Sociologia, 2020.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

GADOTTI, M. **História das Ideias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2003.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**, 1848. São Paulo: Martin Claret, 2000.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Trad. Rubens Enderle; Nélcio Schneider; Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2009.

MARX, K. **Crítica da educação e do ensino**. Lisboa: Moraes, 1978.

PAVIANI, J; CARBONARA, V. **Pressupostos epistemológicos nos processos de ensino e aprendizagem a partir de uma perspectiva ética**. V. 23.N 3.6. Disponível <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/5747>> Acesso em 15 de outubro de 2021.

PASQUALINI, J. C; MARTINS, L. M. A dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. **Psicologia e Sociedade**, v. 27, n. 2, p. 362-371, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/135752>>. Acesso em 17 de outubro de 2021



SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. São Paulo: Autores Associados, 2013.